

---

## **Memória e campo jornalístico: um estudo sobre a problemática da televisão enquanto lugar de memória**

Núbia da Cunha SIMAO<sup>1</sup>  
Ângela Teixeira de MORAES<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO

### **RESUMO**

Este artigo tem como proposta evidenciar a problemática da televisão enquanto lugar de memória, diante da perspectiva da cultura da memória e de campo, em especial o jornalístico. Parte-se da questão central: como a televisão, numa sociedade perpassada por disputas simbólicas, media a memória? Utiliza-se da metodologia de pesquisa bibliográfica com Andreas Huyssen para discutir a cultura da memória, a importância da narrativa televisiva enquanto campo de disputas de poder, a partir das leituras de campo de Pierre Bourdieu, problematizando a televisão, como lugar de memória, por Pierre Nora e Marialva Barbosa. Também reflete sobre os mecanismos de produção dependentes de altos investimentos financeiros e de conteúdo, tais como a busca pelo “furo jornalístico” e o agendamento de conteúdo por outras emissoras. Desvela-se como a televisão ritualiza aquilo que deve ser lembrado e esquecido, influenciando o futuro e apresentando-se tanto uma falsa sensação de comunicação, como de guardiã das memórias.

**PALAVRAS-CHAVE:** cultura da memória, campo jornalístico, televisão, lugar de memória

### **UMA INTRODUÇÃO À NECESSIDADE HUMANA E SUAS INTENCIONALIDADES, ENTRE LEMBRANÇAS E APAGAMENTOS**

O ser humano sempre buscou compreender a sua existência, a consciência de si, entendida aqui enquanto relação direta com sua duração, tempo de vida e de experiência consigo e com o todo, por meio daquilo que se denomina memória. Trata-se da percepção de si, do corpo enquanto objeto mental e de tudo que esse corpo consegue registrar e, principalmente, recordar, trazendo o passado para infinitas possibilidades de uso no presente. E sobre a consciência temporal e existencial, “O passado só retorna à consciência na medida em que possa ajudar a compreender o presente e a prever o

---

<sup>1</sup>Mestra em Comunicação pela Universidade Federal de Goiás FIC- UFG, Especialista em Economia pela Universidade Estadual de Goiás, Jornalista graduada na Faculdade de Informação e Comunicação na Universidade Federal de Goiás FIC- UFG, Economista graduada pela Universidade Estadual de Goiás –UEG. Docente do curso de Publicidade e Propaganda da Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC-GO. Professora Pesquisadora Pró-reitoria de Extensão e Pesquisa- PROPE- PUC-GO. Coordenadora do Programa de Extensão em Direitos Humanos- PUC-GO.. E-mail: [nubiasimao@gmail.com](mailto:nubiasimao@gmail.com).

<sup>2</sup> Professora doutora do Curso de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás. Email: [atmoraes@ufg.br](mailto:atmoraes@ufg.br)

---

porvir: é um batedor da ação” (Bergson, 2006, p. 61). Isso porque, “ a verdade é que, se uma percepção evoca uma lembrança, é para que as circunstâncias que precederam e acompanharam a situação passada e seguiram-se a ela lancem alguma luz sobre a situação atual e mostrem como sair dela” (Bergson, 2006, p. 62).

A memória é requisito essencial de inteligibilidade e, portanto, sobrevivência da humanidade. Mas, afinal de que memória estamos falando? Parte-se da ideia em oposição a Bergson (2006) de que a memória é por natureza, social. Para Halbwachs (1990), a lembrança se relaciona sempre à estrutura social, e a determinados, quadros sociais, mesmo quando aparentemente trata do indivíduo.

“É por ter em vista uma ação no presente que o indivíduo busca, no passado, exemplos suscetíveis de legitimá-la” (Todorov, 2002, p.151). E tal legitimação comprova em si a memória “como um processo social e coletivo que garante não apenas unidade aos grupos, mas evidencia confrontos, relações de poder” (Bonsanto, 2014, p. 14). Sua visão está sempre relacionada a determinada estrutura política, econômica e cultural. Além disso, convém assinalar que o ser humano percebe de si e de tudo o que o rodeia apenas “rastros, farrapos, vestígios, trabalhos, traços de um passado que se reatualiza no presente” (Barbosa, 2004, p. 01).

Isso porque a memória está na sociedade e se constrói nas relações em sociedade. Sendo coletiva, é elemento essencial para toda organização humana, funcionando como vínculo. Assim, não basta evocar, é preciso reconstruir. E “não basta reconstruir pedaço a pedaço a imagem do acontecimento passado, para ter uma lembrança é preciso fazer parte e ter feito parte de um mesmo grupo” (Halbwachs, 1990, p.39).

(...) a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além do passado com a ajuda dos dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. (Halbwachs, 1990, p. 71)

Sendo coletiva, a memória é, portanto, permeada por intencionalidades, especialmente as simbólicas (Simão, in Oliveira e Pessoa, 2013). “Sendo o homem um sujeito histórico, recordar é ato coletivo, ligado ao contexto social e ao tempo que engloba uma construção, uma noção historicamente determinada. A lembrança é a recordação de um tempo revivido” (Barbosa, 2004, p.9).

Neste artigo, adota-se a metodologia de revisão bibliográfica para desvelar o papel dos lugares de registro dessa memória, especialmente, no contexto do crescimento

---

desenfreado de tecnologias de informação e comunicação. Esses aparatos ampliam, a cada instante, as possibilidades memoriais, e a televisão será o objeto recortado para o entendimento dessa perspectiva teórica. Para aprofundar tal discussão parte-se da questão problema: como a televisão, enquanto lugar de memória, numa sociedade perpassada por disputas simbólicas, media a memória?

Elege-se como objetivo geral evidenciar a problemática da televisão enquanto lugar de memória (Nora, 1993; Barbosa, 2004), considerando a perspectiva teórica da cultura da memória (Huysen, 2000). A necessidade deste tipo de estudo, justifica-se especialmente quando a excessiva busca por memoriais denota nossa incapacidade coletiva de lidar com o excesso de informações proveniente do advento da tecnologia de informação globalizante.

Discute-se, sobretudo, a importância da narrativa televisiva enquanto campo de disputas simbólicas por poder, recorrendo-se também às leituras sobre campo (Bourdieu, 2007) e televisão (Bourdieu, 1997). Dessa forma, busca-se testar a hipótese de que discorrer sobre lembranças é falar de apagamentos, é antes de tudo falar de poder, poder de quem edita a memória. Poder do que é reforçado, do que é lembrado, de como é lembrado, de quando e de quanto se pode lembrar, e ainda para qual utilidade, neste caso, a manutenção da reprodução das estruturas sociais.

## **CULTURA DA MEMÓRIA: DA NECESSIDADE DO SUPORTE AOS LUGARES DE MEMÓRIA**

É pertinente evidenciar que, durante boa parte da jornada dos agrupamentos humanos, a comunicação por gestos e pela oralidade foi a forma majoritária de se dar conta do que passou, tornando o registro presente diante de uma utilidade evidente ou evidenciada pelos líderes desses agrupamentos. Acrescentou-se o registro visual com sangue e matéria fecal feitos por grupos humanos em pedras, as denominadas pinturas rupestres, aos atuais registros digitais, feitos até com ajuda de inteligência artificial, a humanidade buscou formas de dar algum tipo de suporte para a memória.

A humanidade sempre buscou uma forma sistemática de registro. A história, a filosofia e a investigação científica dependem fundamentalmente desses registros, e a imprensa surge como uma referência também importante para a materialização da memória na modernidade, especialmente. Em parte, como uma resposta mais ágil e efêmera do desejo e da necessidade de recordar, mas com grande impacto na vida

---

social. “A memória constituída na e pela mídia revolucionou a forma de lembrar coletivamente” (Bonsanto, 2014, p. 23).

De lá para cá, as tecnologias da comunicação alteraram a possibilidade de conexão, trocas e circulação de pessoas, informações, produtos e serviços, no fenômeno que muitos teóricos denominam de Globalização. Como discorre Thompson (2002, p. 35):

(...) a ampliação da disponibilidade das formas simbólicas se torna um fenômeno social cada vez mais significativo e penetrante. Informação e conteúdo simbólico são colocados à disposição de um número incalculável de indivíduos, em espaços cada vez mais amplos e em velocidade sempre maior. A ampliação da disponibilidade das formas simbólicas se tornou tão pronunciada e rotineira, que todos a supõem como uma característica corriqueira da vida social.

Com isso, a noção de tempo e de espaço sofreu significativas alterações, que se aceleraram ao final do século XX, modificando ainda mais a ideia de presente, presença e da própria duração. Logo, cresceram também, de forma desordenada, as inúmeras possibilidades de se revisitar o passado, aumentando, sobretudo, a capacidade de armazenamento e transmissão de dados, numa aceleração que já ultrapassa os nanossegundos. Do que Nora (1988) problematiza:

Fim das sociedades-memória, como todas aquelas que asseguravam a conservação e a transmissão dos valores, igreja ou escola, família ou Estado. Fim das ideologias-memórias, como todas aquelas que asseguravam a passagem regular do passado para o futuro, ou indicavam o que se deveria reter do passado para preparar o futuro, quer se trate da reação, do progresso ou mesmo da revolução. Ainda mais é o modo mesmo da percepção histórica que, com a ajuda da mídia dilatou-se prodigiosamente, substituindo uma memória voltada para a herança de sua própria intimidade pela película efêmera da atualidade. (Nora, 1988, p. 02)

A par disso, surgem, a todo instante, as ideias e os ideários de desaceleração do tempo, numa busca pelo retorno ao local, a um mundo fora das possibilidades de interação e integração globais, em que o tempo corria longe das demandas de produção em série, na busca por um sonho do que pode nem ter sequer existido. Na expressão de Huyssen (2000), a humanidade está saudosa da “idade de ouro de estabilidade e permanência”, contida no limiar do século XX.

Têm-se repetido que, na medida em que nos aproximamos do fim do século XX, e com ele, do fim do milênio, as coordenadas de espaço e de tempo estruturadoras das nossas vidas estão sendo crescentemente submetidas a novos tipos de pressão. Espaço e tempo são categorias fundamentais da experiência e da percepção humana, mas, longe de serem imutáveis, elas estão sempre sujeitas a mudanças históricas.

---

Uma das lamentações permanentes da modernidade se refere à perda de um passado melhor, da memória de viver em um lugar seguramente circunscrito, com um senso de fronteiras estáveis e numa cultura construída localmente com o seu fluxo regular de tempo e um núcleo de relações permanentes. (Huysen, 2000, p. 30)

Na ânsia de compreender o espaço e o tempo em sua duração, buscando de todas as formas garantir a existência de um passado constante, surge assim um conjunto de ações, atividades, produtos e serviços, também provenientes de tecnologia informacional, a que se denomina cultura da memória (Huysen, 2000). São inúmeros locais no tempo que localizam o século passado, lugares de memória (Nora, 1988).

Nessa avalanche de informações sem precedentes, e desritualização do mundo, de poucas tradições, de mudanças constantes e sem paradoxo, nasce a necessidade de lugares de memória, que justamente, “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, noticiar atas, porque essas operações não são naturais”. (Nora, 1988, p. 13)

Num verdadeiro ataque do presente sobre o resto do tempo, surge assim uma nova era da indústria, que busca confortar a humanidade. Com uma incontável soma de produções audiovisuais para TV e cinema, museus, cemitérios abertos a visitação turística, monumentos, entre outros locais, físicos ou não, que servem de suporte à memória, numa espécie de “musealização” de sensibilidade compensatória.

Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transforma-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas da praia quando o mar se retira da memória viva. (Nora, 1993, p.13)

Ao buscar reverenciar o passado no presente, as novas formas de registro da memória do século XX trazem à tona o crescimento tecnológico de um lado, e de outro a maior lacuna daquilo que poderíamos denominar de “modernidade”. Longe daquilo que poderia ser descrito como civilidade, e mostram o terror da fome, das guerras e ditaduras. Revelam uma humanidade industrial, que instrumentaliza e objetifica a tudo e a si mesma, incapaz de zelar por si, distante da consolidação dos direitos da pessoa humana, especialmente, o primordial direito à vida. “Quanto mais rápido somos empurrados para o futuro global que não nos inspira confiança, mais forte é o nosso

---

desejo de ir mais devagar e mais nos voltamos para a memória em busca de conforto. Mas, que conforto pode-se ter com as memórias do século XX?” (Huyssen, 2000, p. 32)

A cultura da memória, registra em seus incontáveis lugares, suportes e possibilidades, memórias que servem para lembrar, mas que cumprem também um papel singular, de tensionar sobre lembranças das atrocidades contra a humanidade feitas em nome do progresso. Numa constante disputa simbólica entre diferentes correntes políticas e econômicas, destacam-se os defensores e os opositores da economia desregulamentada, com crescente digitalização das moedas, que questionam as memórias sobre a capacidade de o mercado de se autorregular, sobre o desemprego, a fome, a intolerância, a violência e as mortes.

Disputam-se a exemplo, discursos sobre memórias de quem foram os “reais” vencedores de Guerras, como a do Iraque (1991-2003) sobre Ditaduras, que chegam a ser renomeadas como “ditabrandas”<sup>3</sup> (Bonsanto, 2014); motivações políticas e estratégias como o holocausto, voltam a todo momento para reforçar posicionamentos, pasmem, muitas vezes, favoráveis à suástica, às ditaduras e às disputas bélicas.

Nesse contexto de “guerra de sentidos” crescente, a mídia, em especial a televisão ganha destaque, enquanto local de memória. Nesse papel intencional de deformação, transformação, a que se devem os contínuos embates políticos e econômicos sobre seleção, enquadramento, construção narrativa e até de opinião e fantasia que visam trazer ao telespectador o que lembrar e, logo, o que esquecer.

São inúmeras as disputas pela mobilização de sentidos. Por exemplo, o retorno às dicotomias políticas entre direita e esquerda nos debates políticos, transmitidos ao vivo, nas emissoras de televisão, com ampla audiência entre os candidatos. No debate para as eleições de outubro e novembro de 2022 no Brasil, a TV Globo registrou, segundo pesquisa<sup>4</sup>, sua maior audiência em 16 anos, atingindo 58% dos televisores ligados no horário, alcançando 50 milhões de brasileiros.

---

3 Editorial “ Limites a Chávez” publicado no jornal Folha de São Paulo em 17 de fevereiro de 2009. Nas palavras da publicação: “Mas, se as chamadas “ditabrandas”- caso do Brasil entre 1964-1985- partiam de uma ruptura institucional e depois preservavam ou instituíam formas controladas de disputa política e acesso à justiça-, o novo autoritarismo latino-americano, inaugurado por Alberto Fujimori, no Peru, faz o caminho inverso. O líder eleito mina as instituições e os controles democráticos por dentro, paulatinamente” (Bonsanto, 2014, p. 09).

4

Debate da Globo com presidenciais teve a maior audiência desde 2006. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/debate-da-globo-com-presidenciais-teve-a-maior-audiencia-desde-2006/>. Acesso em 19/07/2023, às 14h05.

---

Desses lugares-memória, sobretudo, do papel e poder simbólico da televisão falar-se-á a seguir. Importante refletir que definir como objeto de estudo a televisão, num momento em que há crescente aceleração da internet e da participação das pessoas no ciberespaço, é, também observar o acesso da população brasileira aos diferentes suportes midiáticos. Apesar do crescimento do acesso à internet causado pelas necessidades trazidas pela pandemia do coronavírus (2020- 2023), o Brasil tem ainda cerca de 50 milhões de pessoas sem acesso a ela, o que coloca o país como o 33º país em relação à cobertura de internet<sup>5</sup>. Já em relação à televisão, cerca de 98,2%<sup>6</sup> dos lares têm o aparelho em casa. Números que falam por si, quando o assunto é importância da televisão, enquanto lugar de memória, no Brasil.

### **TELEVISÃO: DO CAMPO JORNALÍSTICO AOS LUGARES DE MEMÓRIA**

Às intencionalidades que permeiam as infinitas atividades internas aos grupamentos humanos em determinado local, físico ou não, Bourdieu (2007) deu o nome de campo. Dentre os inúmeros campos sociais que o sociólogo identificou, está o campo jornalístico. Tais intenções são evidentes nas disputas por poder, caracterizadamente simbólico, a que se denomina distinção. Em outras palavras, o reconhecimento pelos pares de identidade e valores que fazem determinado membro do grupo destacar-se e são signos perseguidos pelos demais, em busca de status. “Ao polo dominante correspondem as práticas de uma ortodoxia que pretende conservar intacto o capital social acumulado; ao polo dominado, as práticas heterodoxas que tendem a desacreditar os detentores reais de um capital legítimo” (Ortiz, 1983, p.22).

O próprio autor repete em sua literatura sobre a importância de se conhecerem os mecanismos que animam determinado campo para compreender dada realidade social. Para além das forças do capital e do trabalho, há um sem número de estruturas que influenciam determinado campo e, por conseguinte, a sociedade (SIMÃO, in Oliveira e Pessoa, 2013, p. 184).

---

<sup>5</sup> Dinamarca tem 99% da população com internet; Brasil é o 33º da lista. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/internet/221594-dinamarca-tem-99-cobertura-internet-veja-paises-maior-cobertura.htm>. Acesso em 21/07/2023, às 16h03.

<sup>6</sup> Pesquisa diz que, de 69 milhões de casas, só 2,8% não tem TV no Brasil. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-02/uso-de-celular-e-acesso-internet-sao-tendencias-crescentes-no-brasil>. Acesso em 21/07/2023, às 16h05.

---

Dessa maneira, a comunicação se dá enquanto “interação socialmente estruturada”, isto é, os agentes da “fala” entram em comunicação em um campo onde as posições sociais já se encontram objetivamente estruturadas. O ouvinte não é o “tu” que escuta o “outro” como elemento complementar da interação, mas se defronta com o “outro” numa relação de poder que reproduz a distribuição desigual de poderes agenciados ao nível da sociedade global (Ortiz, 1983, p.13).

Assim, é pertinente enfatizar que a memória depende da comunicação e esta sempre foi afetada pelas estruturas sociais, por disputas simbólicas e de poder entre agentes de determinado campo, seja daqueles que lembram ou de quem acessa determinadas lembranças, por meio da fala de outrem. Assume-se que não existe memória neutra, pois esta depende da comunicação entre os agentes de determinado campo, que já estão sujeitos a algum dispositivos de poder.

Então, se a comunicação face a face, está cada vez mais mediada pela mídia, e esta se tornou ao longo do tempo, importante suporte para a memória, é preciso compreendê-la dentro do contexto de determinado campo, neste caso o jornalístico que é o que mais interessa a este recorte. Entender as estruturas de poder e de organização que tensionam o conteúdo midiático é fundamental, para problematizá-lo enquanto lugar de memória, no contexto da produção memorial desenfreada da chamada cultura da memória.

Sobre tal representação deve-se observar que o campo de produção e distribuição das informações possui, assim “como os outros campos, mecanismos próprios que vão influenciar no tratamento dos dados obtidos, os quais nem sempre serão um exato reflexo da realidade ao chegarem ao conhecimento dos indivíduos” (SIMÃO, in Oliveira e Pessoa, 2013, p. 185).

Não se trata de condenar a mídia televisiva e o campo jornalístico à produtora e reprodutora de desinformação, ou até mesmo à destruição da memória, mas de problematizar como os mecanismos do campo jornalístico influenciam este possível e efêmero lugar de memória. “Ao dar possibilidade a determinados assuntos e indivíduos, em detrimento de outros, a televisão colabora para que boa parte da sociedade tenha uma visão que nem sempre corresponde à realidade e que por vezes não favorece a reflexão” (SIMÃO, in Oliveira e Pessoa, 2013, p. 185).

Sobre as forças que atuam no campo jornalístico, convém assinalar que sua produção se encontra sob critérios mercantis, ou seja, necessita para ocorrer de contínuos investimentos financeiros. Dessa forma, o jornalismo produz conteúdos tendo



---

em vista dois públicos, muitas vezes diversos, a audiência a quem se destina o produto comunicacional e os anunciantes, que juntos aos empresários financiam e controlam os recursos necessários à produção noticiosa. Isso torna a seleção memorial extremamente condicionada, seja em relação a assuntos de baixa audiência, seja de assuntos, cujo teor político, econômico, social ou até mesmo cultural, impactam direta ou indiretamente a reputação dos anunciantes e/ou dos proprietários dos meios de produção. Situação agravada quando a mídia, em questão é a televisão.

A televisão é um instrumento de comunicação muito pouco autônomo, sobre o qual pesa toda uma série de restrições que se devem às relações sociais entre os jornalistas, relações de concorrência encarniçada, implacável, até o absurdo, que são também relações de convivência, de cumplicidade objetiva, baseadas nos interesses comuns ligados à sua posição no campo de produção simbólica e no fato de que têm em comum estruturas cognitivas, categorias de percepção e de apreciação ligadas à sua origem social, à sua formação (ou à sua não formação). (Bourdieu, 1997, p.51)

Em busca de audiência e de financiadores para seu produto, os agentes da televisão enfrentam, além de necessidades financeiras para atualizar seu aparato tecnológico, a pressão do tempo de produção do conteúdo, que é diário e sem pausas, e a concorrência que disputa, muitas vezes, partes do mesmo público e anunciantes. O conteúdo produzido em velocidade extraordinária, não para de levantar pontos e provocar a memória de quem assiste. “A velocidade com que as informações associadas a imagens são repassadas gera uma falsa impressão de realidade e de comunicação” (Simão, in Oliveira e Pessoa, 2013, p. 195).

A comunicação é instantânea porque, em certo sentido, ela não existe. Ou é apenas aparente. A troca de lugares-comuns é uma comunicação sem outro conteúdo que não o fato mesmo da comunicação. Os “lugares comuns” que desempenham um papel enorme na conversação cotidiana têm a virtude de que todo mundo pode admiti-los e admiti-los instantaneamente: por sua banalidade, são comuns ao emissor e ao receptor. Ao contrário, o pensamento é, por definição, subversivo: deve começar por desmontar as “idéias feitas” e deve em seguida demonstrar. (Bourdieu, 1997, p. 40-41)

Ademais a televisão tem uma influência sobre outros campos sociais. Os chamados especialistas de diferentes campos estão a todo tempo aumentando seu capital simbólico e status com as suas opiniões no meio televisivo. Desse modo, a televisão interage com outros campos, inclusive o científico, ao dar voz a determinados agentes, em detrimento de outros, promovendo notoriedade a quem mais é chamado a ocupar a posição de especialista.

---

Esses especialistas tornam-se, inclusive, ingressantes do campo político devido à visibilidade conquistada na TV. A exemplo, temos o médico que atua em Goiás, Zacharias Calil, especialista recrutado inúmeras vezes em reportagens de cirurgias pediátricas de separação de gêmeas siamesas. Sem nenhuma participação política pública anterior, teve em seu primeiro pleito eleitoral, em 2018, cerca de 152 mil votos, sendo o terceiro deputado federal mais bem votado do Estado de Goiás, e reeleito em 2022<sup>7</sup>. E, tal capital simbólico estende-se também aos jornalistas apresentadores de TV, como é o caso da Deputada Federal eleita por Goiás, sem carreira política ou atuação pública anterior, Sylvie Alves, com 255 mil votos em 2022<sup>8</sup>, obtendo a maior votação para o cargo. A jornalista apresentou o programa Balanço Geral, na afiliada da TV Record em Goiânia, para todo o Estado de Goiás entre 2011 e 2022.

Compete ainda analisar os mecanismos próprios do campo jornalístico, tais como o “furo jornalístico”, no qual os veículos de imprensa, e especialmente da internet, rádio e televisão, lutam contra o tempo para dar a informação em primeira mão e o agendamento midiático, no qual o conteúdo se repete entre as emissoras, que sempre repercutem o que outras emissoras estão noticiando. Essas estruturas de produção corroboram com a problemática de que a visibilidade midiática, funciona como um suporte irreversível à memória social.

É uma limitação terrível: a que impõe a perseguição do furo. Para ser o primeiro a ver e a fazer, ver alguma coisa, está-se disposto a quase tudo, e como se copia mutuamente visando a deixar os outros para trás, a fazer antes dos outros, ou a fazer diferente dos outros, acaba-se por fazerem todos a mesma coisa, e a busca a exclusividade, que, em outros campos, produz a originalidade, a singularidade, resulta aqui na uniformização e na banalização. (Bourdieu, 1997, p. 27)

Situação complexa quando se compreende que “a memória construída no presente pressupõe sempre uma ação futura. (...) É através da memória que se delinea, simboliza e classifica o mundo (...)” (Barbosa, 2004, p. 05). Sobre isso que ocorre no campo jornalístico enquanto lugar de memória, observa-se ainda:

(...) o jornalismo seleciona e hierarquiza as informações tomando por base critérios subjetivos. A própria distribuição das notícias em eixos

---

<sup>7</sup> Dr. Zacharias Calil estreia na política como terceiro deputado federal com maior número de votos. Disponível em: <https://diariodegoias.com.br/dr-zacharias-calil-estrela-na-politica-como-terceiro-deputado-federal-com-maior-numero-de-votos/117963/>. Acesso em: 10/07/2023, às 15h08.

<sup>8</sup> Sylvie Alves é a deputada federal mais votada por Goiás nas eleições de 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/go/goias/eleicoes/2022/noticia/2022/10/03/silvie-alves-e-a-deputada-federal-mais-votada-por-goias-nas-eleicoes-de-2022.ghtml>. Acesso em 10/07/2023, às 15h16.

---

centrais de análise, onde informações em rubricas específicas produzem uma classificação permanente do mundo social para o leitor, mostra esta tendência. A lógica da imprensa é desorganizar a estruturação racional da realidade e jogar para o leitor o mundo como um amontoado de fatos desconexos e sem qualquer lógica interna. (Barbosa, 2004, p. 02)

As emissoras de televisão selecionam, editam e transmitem a seus públicos, de maneira desorganizada aquilo que modifica algo, o “acontecimento” desde a morte de alguém, até um acidente que impede o fluxo do trânsito, ou mesmo uma mudança da cobrança de um imposto. Ao elevar determinado fato a “acontecimento”, “a mídia constrói o presente de maneira seletiva, construindo na atualidade a história desse presente e fixando para o futuro o que deve ser lembrado e o que precisa ser esquecido” (Barbosa, 2004, p. 04).

Como importante “lugar de memória” da contemporaneidade, a mídia trabalha com uma espécie de “agendamento” da lembrança e do esquecimento no cotidiano. Ao construir o acontecimento, seleciona e enquadra aquilo que pretende querer ser visto e lembrado, relegando o que “não ocorreu” à sombra do esquecimento e acaba por atuar como construtora e norteadora das percepções temporais do cotidiano. Selecionar o acontecimento, enquadrar as lembranças, não é um ato involuntário, envolve a construção de uma cena narrativa particular, dotada de sentido e opinião. (Bonsanto, 2014, p. 14)

Ao vermos uma notícia na televisão, pouco se duvida sobre o fato narrado, ou se esse ocupa o lugar de outro de maior relevância social. “Transpondo fatos para a categoria de acontecimento (definido como descontinuidade constatada a partir de um modelo de normalidade considerado a priori) privilegiam-se determinadas informações em detrimento de outras” (Barbosa, 2004, p. 4). O que levanta a problemática de quem detêm a mídia ou mesmo a propriedade das emissoras de televisão no Brasil? De que forma esses lugares de memória influenciam, por sua natureza ideológica, a distribuição de poder simbólico? Por que a televisão é extremamente elitista?

Se a mídia televisiva tem o poder de agir sobre a memória nos diversos campos da sociedade, é preciso debater também, quem são os “donos” das emissoras de televisão. No Brasil, a propriedade cruzada dos meios de comunicação permite que uma só família controle diversas emissoras, dificultando ainda mais a diversidade de coberturas e assim, e de quem elege o fato a acontecimento.

---

Assim a propriedade cruzada, que permite que uma única família ou grupo de empresários controle emissoras de rádio e televisão, além de jornais e revistas, é um complicador a parte desses lugares de memória.

A vinculação dos grandes grupos de comunicação com lideranças políticas regionais e locais são alguns dos problemas que impedem a democratização da nossa comunicação. E sem ela não haverá diversidade e pluralidade de informações, vale dizer, opinião pública autônoma e, portanto, democracia plena. (LIMA, 2009, p. 93)

Evidenciando apenas determinados fatos, que se transformam em acontecimentos, a televisão apresenta na maior parte de sua programação apenas os problemas conjunturais, numa espécie de reprodução das elites brasileiras. Pois, deixa de mostrar em boa parte de seu conteúdo, o debate dos problemas estruturais do país. Esquecem a exemplo, de discutir de forma frequente a importância de uma reforma política que implemente o financiamento público de campanhas, visto que, entre outras questões, a concessão e revisão dos canais de televisão, passa por votações dos mesmos agentes políticos, que seriam impactados diretamente por tal mudança. Embora haja regulamentações para evitar irregularidades e garantir a pluralidade de informações, a falta de mecanismos sociais de fiscalização, torna isso insuficiente (Lima, 2009).

Ao colocar este mundo ao alcance do público, os meios de comunicação o fazem crer que participam diretamente das questões contemporâneas. Por outro lado, falar sobre a realidade é ser capaz de produzir uma representação conhecida e reconhecida da existência. Essas capacidades geradoras, atribuídas à língua e a quem detêm o poder de nomeação na sociedade, são suportes por excelência de poder. (...) Produzindo um discurso digno de ser publicado, isto é, oficializado constroem também distinção em relação a outros grupos. (Barbosa, 2004, p. 02)

Para além dos mecanismos próprios ao campo jornalístico, das disputas por audiência ou da propriedade de tais veículos de comunicação, pensar a televisão enquanto lugar de memória é, sobretudo, problematizar a memória em relação a um presente, que se atualiza a cada novo acontecimento, e que indica caminhos para o futuro.

A influência da cobertura televisiva sobre a memória “(...) se configura na televisão não apenas nas notícias do cotidiano, mas nas comemorações e nas cerimônias midiáticas” (Barbosa, 2004, p.10). As cerimônias televisivas tornam-se rituais da comunidade, observe como exemplos, a abertura da copa do mundo de futebol masculino, dos jogos olímpicos, a posse de um presidente da república, que são

---

organizados para tornarem-se eventos cinematográficos. Busca-se na transmissão em tempo real, passar ao máximo um sentido de comunhão, partilha das mesmas experiências, com som e imagem da mais alta qualidade, para lembrar, mas também para esquecer daquilo que não está presente, construindo o futuro.

(...) a cerimônia transmitida ao vivo pela televisão possui todas as características de um ritual. Os personagens, por outro lado, situam-se entre o real e o fictício, solicitando do público a crença coletiva. Cria-se, portanto, em torno dessas cerimônias uma série de artifícios narrativos, nos quais a escolha de imagens, o apagamento do contexto, a repetição dos efeitos e a lentidão dos movimentos dos personagens assumem papel central. Cria-se uma espécie de festa coletiva, nos quais os rituais são extremamente importantes e para os quais se pede também a participação do público ator da cerimônia. (Barbosa, 2004, p.10)

Enquanto narradora do presente, a mídia televisiva ocupa um duplo lugar de memória, “os meios de comunicação se constituem não apenas em arquivos para o futuro, mas em arquivos permanentes do presente. E a narrativa não é mais apenas a mescla do ficcional com o informacional, mas a narrativa histórica do imediato” (Barbosa, 2004, p. 11).

Assim, como num passe de mágica, uma cerimônia de duas horas, transmitida ao vivo, é editada para apenas poucos segundos e direcionada ao esquecimento na certeza de que o registro foi feito, passando-se assim a construção de outros acontecimentos. “Nesse sentido, o passado é comemorado e construído como acontecimento restabelecendo uma lógica no qual pode ser utilizado concomitantemente ao presente, moldando uma realidade diferente daquela da transmissão direta” (Barbosa 2004, p.11).

As comemorações, por outro lado, fazem parte de um processo de construção do poder, no qual o interesse político de dominar o tempo assume papel fundamental. Possibilita-se também a construção do acontecimento e a sua valoração pública, o que leva os detentores deste poder a serem publicamente proprietários de sua criação (Barbosa, 2004, p. 12).

Desta forma, para compreender os mecanismos de construção das transmissões midiáticas de determinados acontecimentos em detrimento de outros é necessário remontar o processo social da memória social, compreendida enquanto lugar de disputa de poderes nos diversos campos sociais, inclusive o jornalístico.

## **A PROBLEMÁTICA DA TELEVISÃO ENQUANTO LUGAR DE MEMÓRIA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES PARA PROSSEGUIR**

---

Neste artigo, buscou-se evidenciar que a memória é transmitida pela comunicação empreendida por agentes sociais, cujo capital simbólico disputam poder dentro de determinado campo. Por isso, é fundamental compreender a mediação da memória pela televisão, numa sociedade que ainda a tem como referência para a reconstrução do passado e registro do presente.

Assim, é possível perceber a necessidade de estudos e pesquisas cada vez mais aprofundadas sobre a televisão, enquanto lugar de memória. Isso porque, não se trata de afirmar que a televisão desinforma, mas que suas características financeiras e de produção, além de influenciar nas disputas simbólicas de outros campos, somam-se de maneira significativa à questão das cerimônias e dos rituais, que agendam os debates públicos e concedem poder a determinados agentes em detrimento de outros.

Destacam-se, nesse contexto, elementos como a necessidade de tecnologia próprios ao meio e sua produção efêmera, que se encerra e recomeça a cada dia. Além disso, questões sobre o conteúdo televisivo sofrem ainda a influência, entre outros fatores, de problemas como a concorrência pelo “furo jornalístico” e o agendamento midiático.

Pode-se depreender desta pesquisa que a televisão atua sobre os esquecimentos e as lembranças sociais, mas, sobretudo, nas disputas por visibilidade e poder simbólico, entre vários campos sociais. A par disso, as questões das cerimônias e de como a televisão ritualiza aquilo que deve ser lembrado e esquecido, conduz a produção da memória no presente que também influencia o futuro, apresentando uma falsa sensação de comunicação e de guardião das lembranças dignas de se ter.

Por seu caráter efêmero, de tratar apenas determinados acontecimentos, em detrimento dos demais, a televisão tende a minimizar e simplificar os problemas sociais, tão necessários à modificação das formas de produção, como por exemplo, a má distribuição de renda proveniente de determinada estrutura fundiária e a falta de acesso à educação de qualidade, por toda a população. As memórias sobre tais necessidades, entram, por vezes, no esquecimento parcial ou absoluto, influenciando sobretudo, o futuro, pouco contribuindo com a transformação social.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. **Jornalistas, “senhores da memória”?** Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - INTERCOM. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

---

\_\_\_\_. **Meios de comunicação: lugar de memória ou na história?** *Contracampo*, v. 35, n. 1, abril-jul, 2016.

BERGSON, Henri. **Memória e Vida**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BONSANTO, André. **O presente da memória: uso do passado e as (re)construções de identidade da Folha de S. Paulo, entre o 'golpe de 1964' e a 'ditabrandá'**. Jundiaí: Paco Editorial, 2014.

BOURDIEU, Pierre. **A dinâmica dos campos**. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007. P.212-240.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

HUYSSSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000.

LIMA, Venício A. de. **Mídia: Crise política e poder no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

NORA, Pierre. **O retorno do fato**. In: LE GOFF, J.; NORA, P. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.

\_\_\_\_. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. *Projeto História*, no 20. São Paulo: Educ, 1993.

ORTIZ, Renato. **A procura de uma sociologia da prática**. In: ORTIZ, Renato (org.). Pierre Bourdieu. São Paulo: Ática, 1983. p. 7-36 (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

SIMÃO, Núbia da Cunha. **O campo jornalístico: sobre a televisão e sua influência**. In: OLIVEIRA, João Ferreira de; PESSOA, Jadir de Moraes (orgs.). **Pesquisar com Bourdieu**. Goiânia-GO: Cãnone Editorial, 2013.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade – Uma teoria social da Mídia**. 5ª Edição, 2002.

TODOROV, Tzevetan. **Los abusos de la memoria**. Barcelona: Ediciones Paidós, 2000.